

DE

AGUSTINA BESSA-LUIS



TEATRO CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco do Borja, 24 (às Janelas Verdes) • 1200 LISBOA • Tel. 60 72 99 - 67 74 81

45 ANOS DE ACTIVIDADE CULTURAL

ANA PLÁCIDO

Introdução

~~Humo~~ em Ceide. No terreiro ou no alpendre ~~Humo~~ joga com três amigos que são três manequins. Está um pouco bêbado. Vai dando cartas e consultando o jogo.

~~Humo~~ - Pois é. A coragem é o que faz as pessoas infelizes. Já o diziam os antigos. A desgraça é a honra dos que têm o coração cheio de tempestades e que, às vezes, chamamos injustamente maus. Meu pai era assim; minha mãe era assim. Um belo par, devo dizer. Só que minha mãe, a Ana Plácido, viveu e morreu com as feridas que em geral só julgamos ser dignas dos imortais. Mas há uma coragem em cada um de nós que corresponde a uma dignidade particular. Da minha coragem não vou falar. Sou um bruto e assim quero ficar. Vou falar da coragem duma pessoa efémera - Ana Plácido, a minha mãe. (Pausa, levanta-se, espreguiça-se um pouco, bebe. Volta a sentar-se).

Não era uma mulher o que se chama bela. Camilo diz que sim, mas não era. Quando Camilo odiava alguém, escurecia a verdade. Quando amava, fazia o ~~mesmo~~.

Aos quinze anos, vestida de branco, com fitas vermelhas no cabelo, com muitas flores, Ana era bonita. Tinha majestade, a majestade das seduções demasiado públicas. Gostava das letras, era um vício que nunca abandonou. Tinha inteligência de sobra para não confundir um espartilho justo demais, com as ânsias do coração. Havia nela uma serenidade irônica que é própria da solidão. Lutou sempre para remediar as coisas, para consolar, para vencer as situações; umas patéticas, outras ridículas. Camilo amou-a, diga ele o que disser. Amou-a porque ela não o enganava; e disse mal dela porque ela o desenganava. Meu pai disse que em Portugal ~~nem sequer~~ se pode ser salteador de fama. Todas as vocações são sufocadas à nascença. Todas, até a de amante. Não temos Tristão sem Otel-lo, nem Casanova, por estas bandas. Ficam todos ~~no barbeiro~~, a dar ~~estocadas~~ na reputação das mulheres ~~de terra~~ e a

falar de caçadas aos coelhos. Camilo não fugiu à regra. A história com minha mãe foi uma patacoada pegada. Só o gosto da intriga que ele tinha fez dessa história um romance. Nada foi dele, a não ser o génio. Os filhos foram de Ana Plácido, esta casa foi do marido dela e depois de Manuel, que não se sabe de quem foi filho. Casaram-se quase criança, por interesse; ele casou-me aos dezasseis anos, por cobiça. Ele disse: "Nenhum de nós teve coração para a desgraça". É sina dos portugueses, que não são trágicos. As coisas acontecem-lhes, mas não as desejam. Vivem-nas com prudência, que é norma dos liberais.

Camilo disse que uma mulher engana um homem porque ele se chama Joaquim e que ama outro porque se chama Ernesto. Ele não seduziu a minha mãe, longe disso. Agradou-lhe o enredo e fez tudo para o conduzir. Mas acabou por se distrair e tudo saiu na maior das barafundas. Que se pode esperar dum homem que não gostava de música?

Teve amigos; foi terrível a amizade nele. ~~Fico~~ ^{Fico} que o amor, porque é desprevida. A amizade move mais paixões do que o desejo. Ela é gostosa vaidade que enleva a leve fantasia dos homens. Mais do que o amor.

Mas não saber como tudo se passou. Se ouvirem dizer que sou um estroina e um sem vergonha, acreditem, que é verdade. Quando vi o meu pai, ^a/morrer, com um fio de sangue a escorrer da fonte direita, pensei: "Agora já posso passar de actor a pessoa. A pessoa é um traste; mas o actor era um manequim". (Fica em atitude de manequim, parado, a dar as costas).

Ana Plácido - Teatro

Personagens

Ana Plácido

Antónia Cândida Plácido (mulher do Ferreirinha)

~~Ana Plácido (mulher do Ferreirinha)~~

Camilo

~~o Criado~~ : Brasileiro e Caniço
~~Médico~~

Nuno

Jorge

Maria Isabel, a Brilhante Negro

José do Telhado

Vieira de Castro

José Barbosa e Silva, amigo; amante de Antónia Cândida

I Cena

O palacete de Antónia. Um salão com espelhos. Noite de festa. Ana Plácido encostada ao piano. Bonita e delicada. Veste de branco. Flores no cabelo. Está noiva de Pinheiro Alves. Camilo. Antónia Cândida. José Barbosa.

Antónia - Aqui tem a minha irmã. Parece uma cesta de flores. Não pode recusar uma cesta de flores.

Camilo - De flores, não. Recusava se fosse uma cesta de figos. A serpente podia estar escondida dentro.

J. Barbosa - Vejam como ele fala. Parece um livro.

Camilo - Eu sou um livro. Quem me tomar por um homem, engana-se muito.

Ana - Não o tomo por outra coisa senão um livro. Uma brochura magra, de papel almaço que se quer consagrar numa segunda edição, em papel de arroz.

Antónia - Deixemos estes dois barafustar com graça. Foi assim que nos amámos, meu José: somos tão desgraçados que só temos prazer se nos zangarmos com o que nos tenta. (Afasta-se com José).

- Camilo - A sua irmã é perigosa. Não me está a ouvir?
- Ana - Não. Estou a ouvir, a lembrar-me duma cantiga que o gordo Serrão contava à beira do Mondego, há mais de cem anos: "O homem dá caravela/Levas a morte contigo./Essa mulher que aí levas/E casada e tem marido".
- Camilo - Isso não era do Serrão, ~~era~~ dalgum poeta mais sisudo. Do Serrão era isto: "Leva saia de fúlesia/Também jubão branco leva,/Que serve o jubão de alvo/Donde amor atira as flechas." Isto é que são versos de boticário. Que eu gosto dos boticários, educados na Casa Pia como ordena o edital de 1794. Do que não gosto é de academias tristes.
- Ana - Não é triste, Camilo?
- Camilo - Nem por isso. Ponho o ~~canto~~ ^{canção} em cantochão. Sabe porque me lembro da senhora? Porque a ouvi, um dia na missa da Sé, dar uma gargalhada. Uma velha caiu com as saias pela cabeça, ao fazer a vénia diante do altar, e a senhora riu-se. Não me esqueci nunca. Era um riso como um jorro de água fresca. Uma mulher que ri assim é capaz de coisas assombrosas.
- Ana - As mulheres não fazem coisas assombrosas senão por imitação, como os macacos.
- Camilo - Adivinho mau futuro para nós dois.
- Ana - O que diz? Porquê?
- Camilo - Uma mulher que renega da tentação reserva-se para coisa pior.
- Ana (Ri-se) - Bem, adeus, senhor Camilo. Hei-de amá-lo o bastante para que possa amar-me. (Afasta-se.)
- Camilo - Esta mulher é uma impostora. Tem vinte anos e está gasta. Ela e a irmã. Querem um amor eterno e mais quinze dias, são ~~dois~~ ^{dois} varridas. O casamento rico ~~despota~~ ^{abriu-lhes} a fome da desgraça. As mulheres não se fizeram para ser feli-

zes. É um vexame que elas não suportam.

Cena II

O Bom-Jesus do Monte. Um hotel, Maria deitada ~~deitada~~ numa cadeira. É muito nova e está moribunda. Camila aparece com Vieira de Castro. Ana adianta-se para os receber. Ana está já casada. Maria pode ser um manequim. Não fala e não mexe. Camilo - Olha para ela. É uma bonita mulher e, se concordas, ficamos por aqui. Estamos perdidos se concordamos em coisas assim. Partilhar os desejos é já esperar tudo deles. Sabes o que eu temo nesta mulher? A vontade profunda. Ela está para a vontade como o ouro está para o chumbo. É capaz de tornar em chumbo vil o melhor do nosso coração. Quase não tem sentimentos, de tal modo está entregue a exigências absolutas. Não tem esperança, por isso nos atinge como uma espécie de condenação.

José - Não te entusiasmes tanto, rapaz. É uma mulher como as outras. Infeliz e má, como as outras.

Camilo - Maria também?

José - Maria está a morrer, e a maldade foi devorada até aos ossos. Ama-a, que não tens decepções.

Camilo - Bom dia, dona Ana.

Ana - Bom dia, como é costume dizer-se, nem que seja um dia mau. Queres um xaile? Tens aqui um xaile. Maria já não me ouve. Teve um sorriso profundo, trazido pela inércia, a melhor escolha. Eu ainda me atrevo aos sorrisos da superfície, veja. Como lhe pareço?

Camilo - Muito bonita.

Ana - Passaram cinco anos. Acho-me feia, feia.

Camilo - Feia, dona Ana? Uma mulher que se acha feia tem o peso duma culpa com ela.

Ana - Uma mulher que se acha feia não quer contagiar ninguém.

Camilo - Feio sou eu, senhora. A fealdade exprime uma malignidade anónima. Em Nápoles, quando se

passa por uma pessoa feia como eu, pensa-se logo que vai haver desgracia em casa. Aquele que é feio escolhe as vítimas e dá-lhes um destino apropriado. Um destino terrível.

Vieira de

Castro - Acreditas nisso?

Camilo - Acredito. O princípio que cria uma desgracia transmite-se aos outros.

Ana - Julguei que era esse o efeito da beleza. A beleza pode ter sido criada por um mau princípio.

Camilo - O olhar dos outros descobre-nos a *taxa* que nós cobrimos de talento e que queremos esquecer. Um feio provoca sempre um arrepio, mesmo naqueles que estão mais preparados. Adivinham a responsabilidade do feio, que é o de ser mau.

Ana - Isso comove-me. Vejo que está condenado ao mal.

Camilo - Sim, dona Ana. Condenado ao mal exterior: ao escândalo e à infâmia. Condenado ao mal interior: vergonha, inveja, sofrimento, desespero.

Ana - Sinto o coração sangrar, Camilo. Gota a gota, como uma fonte que vai secar.

Vieira de

Castro - Então, dona Ana? Camilo é um criador de paixões, não é responsável pela conduta de ninguém.

Ana - Há qualquer coisa de profético nele. Ele anuncia o inevitável do mal. O que temos que praticar.

Vieira de

Castro - Não acredito na predestinação.

Ana - Nem eu. Contudo, ela nos move. Vamos levar a minha irmã para dentro. A tarde arrefeceu. (Saem todos. Um xaile ficou numa cadeira de palhinha. Entretanto Camilo ficou para trás.)

Camilo - Ela vai voltar. Está quase a chover e ela vai voltar para pegar neste xaile. Se houvesse uma